

HERÓIS E VILÕES DO FUTEBOL: AS NARRATIVAS DA IMPRENSA BRASILEIRA

Ronaldo Helal¹, Leda Costa²

RESUMO

Heróis e vilões são personagens muito familiares e fartamente presentes no imaginário ocidental, popularizados por produções culturais variadas como romances, filmes e quadrinhos. Heróis e vilões também se fazem presentes nas narrativas produzidas pela mídia esportiva, sobretudo, nas coberturas da participação da seleção brasileira masculina de futebol em Copas do Mundo. Este artigo tem como objetivo demonstrar os principais recursos acionados no processo de construção de algumas figuras heroicas e vilânicas pelo jornalismo esportivo. Para tanto, este trabalho promove um breve trajeto pela história da construção da categoria “futebol-arte”, fundamental ao imaginário futebolístico nacional e à composição tanto dos heróis quanto dos vilões da seleção brasileira.

Palavras-chave: Heróis. Vilões. Copas do Mundo. Jornalismo Esportivo.

ABSTRACT

Heroes and villains are characters very familiars and widely present in the Western imagination, as they are popularized by several cultural productions, such as novels, movies and comics. Heroes and villains are also present in the narratives produced by the sports media, especially in the press coverage over the Brazilian men's soccer team in the World Cup. This article aims to demonstrate the main resources activated in the process of construction of some heroic and villainous figures by sports journalism. For that purpose, this work promotes a brief journey through the history of the construction of the “soccer-art” category, which is fundamental to the national soccer imaginary and also to the composition of both the heroes and the villains of the Brazilian national team.

Keywords: Heroes. Villains. World Cups. Sports Journalism.

1 Professor titular da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenador do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME — Uerj). E-mail: rhelal@globo.com.

2 Professora visitante da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisadora do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte. E-mail: ledamonte@hotmail.com.

INTRODUÇÃO: A ARTE DO FUTEBOL SONGAMONGA

O objetivo deste artigo é apresentar questões relativas aos recursos acionados na representação midiática de heróis e vilões do futebol, dois protagonistas das narrativas do jornalismo esportivo sobre a seleção brasileira. Para cumprir esse propósito, faz-se necessário um breve percurso pela trajetória de construção da categoria “futebol-arte”, fundamental ao imaginário futebolístico nacional e à composição tanto dos heróis quanto dos vilões da seleção brasileira.

A noção de “futebol-arte” é derivada de um contexto histórico no qual se faz notável um esforço de produção de um conjunto de símbolos que pudessem personificar um estilo considerado genuinamente brasileiro de jogar futebol. Esse esforço é perceptível no início da década de 1930, época em que o amadorismo começava a ceder espaço para a emergência do profissionalismo, que gradativamente se apresentava como uma necessidade diante da ameaça de perda de jogadores para o exterior, da queda do número de sócios e da diminuição da renda obtida nas bilheterias dos jogos (SANTOS, 2010).

A hipótese de que o futebol nacional era dono de um estilo próprio de jogar já podia ser notada em outras momentos³, porém, é na Copa de 1938 que aquilo que pareceria ser uma desconfiança se transforma em um forte indício de que o Brasil havia criado um jeito autêntico de jogar, fundamentado na habilidade individual dos chamados *cracks*⁴. O estilo de jogo brasileiro passa a ser fortemente associado às características que costumavam ser atribuídas ao negro. Como notou Bernardo Buarque de Hollanda, “o bom desempenho dos jogadores de origem negra abre a brecha para a associação entre identidade esportiva e o diferencial étnico de constituição do povo brasileiro” (HOLLANDA, 2004, p. 59)⁵.

A esse respeito, destaca-se o artigo “Football mulato”⁶, de Gilberto Freyre, publicado no *Diário de Pernambuco*. O autor que já era um cientista social de renome no país, considerou a vitória da seleção brasileira

3 Em 1919, o jornalista Américo R. Netto, que também se destacava como entusiasta do mundo automotivo, chegou mesmo a propor o despontar de uma “escola brasileira de futebol” (cf. FRANZINI, 2003, p. 16).

4 Sobre os primeiros usos da palavra *crack*, ver Silva (2019).

5 Em relação à presença dessa questão na recepção da imprensa francesa, ver Damo (2007) e Helal (2019).

6 O termo é controverso e deve ser problematizado. Porém, ele é fundamental no pensamento freyriano, pois o mulato é o elemento que emerge como o mediador entre os antagonismos entre casa-grande e senzala, sobrado e mucambo. De uma forma geral, a obra de Freyre ia na contramão das teorias racialistas em voga no início do século passado. Nesse sentido, pode ser vista como inovadora e revolucionária em sua época. Para mais detalhes, ver o livro Gilberto Freyre: uma biografia cultural, de Enrique Rodríguez Larreta e Guillermo Giucci (Editora Record, 2007).

sobre a Tchecoslováquia — a vice-campeã mundial de 1934 — um indicador de que o Brasil havia criado um jeito próprio de atuar nos campos de futebol. Freyre creditou essa façanha ao fato de pela primeira vez a seleção ter sido composta, em sua maioria, por jogadores afro-brasileiros⁷, o que o faz concluir que, “psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato — inimigo do formalismo apolíneo — para usarmos com alguma pedanteria a classificação de Benedict — e dionisíaco a seu jeito — o grande jeito mulato” (FREYRE, 1967, p. 432)⁸. São diversos os questionamentos que podem ser feitos à proposta de Freyre⁹, porém, trata-se de um texto cuja importância está no fato de o sociólogo ter conseguido traduzir em termos culturalistas a dicotomia futebol europeu versus futebol brasileiro, que já era mencionada em parte da imprensa esportiva nacional (FRANZINI, 2003, p. 78).

Em 1939, Mário de Andrade traduziu em um breve artigo a impressão de que o futebol brasileiro carregava consigo algo de artístico. Ao presenciar o jogo Brasil versus Argentina, o autor modernista escreveu que “havia umas rasteiras sutis uns jeitos sambísticos de enganar, tantas esperanças davam aqueles volteios rapidíssimos, uma coisa radiosa, pânica, cheia das mais sublimes promessas!” (ANDRADE, 1967, p. 184). Nesse trecho pode ser notada uma ressonância das ideias de Gilberto Freyre, porém, mais do que uma pouco provável afinidade intelectual¹⁰, a crônica de Mário de Andrade demonstra como, naquela época, o imaginário futebolístico se encontrava permeado pelo entusiasmo sentido diante do surgimento desse possível novo jeito brasileiro de jogar futebol.

A imprensa escrita, por sua vez, havia se modificado significativamente. Jornalistas como Mário Filho passavam a dar mais ênfase à figura do jogador de futebol e aos aspectos emotivos e conflituosos do futebol (SILVA, M. R, 2006, p. 122). Há um significativo incremento dos mecanismos de produção de ídolos futebolísticos, o que envolvia mudanças na cultura futebolística e midiática do país, somadas a um crescente público

7 É preciso levar em conta que algumas ausências de negros e mulatos se justificam também por problemas político-administrativos que marcavam o futebol nacional, com as disputas entre amadorismo e profissionalismo e as rixas entre as federações de São Paulo e Rio de Janeiro. Sobre essa questão, ver Santos (2010).

8 Apolíneo e dionisíaco são utilizados por Ruth Benedict para fazer uma contraposição entre dois padrões de cultura; são categorias de que o filósofo Friedrich Nietzsche lançou mão para compreender a composição da tragédia grega. No artigo publicado em 1938, no *Diário de Pernambuco*, o referencial teórico é Oswald Spengler, e não Ruth Benedict. Em 1938, Freyre afirma que “ser brasileiro é ser mulato — inimigo do formalismo apolíneo, para usarmos com alguma pedanteria a classificação de Spengler — e dionisíaco a seu jeito” (FREYRE, 1938).

9 Sobre Gilberto Freyre e futebol, ver Morais e Ratton Júnior (2011) e Maranhão (2006).

10 Sobre essa questão, ver Dimas (2002).

consumidor de notícias e imagens. As fotos de jogadores como Leônidas da Silva representados como craques passam a ocupar mais espaço, e as páginas esportivas investem cada vez mais na produção de uma cultura visual fundamental à criação da imagem do ídolo do futebol (SILVA, 2019).

É nesse contexto que é gestada a noção de “futebol-arte”, que tem em seu fundamento a valorização de movimentos corporais vistos como a manifestação de características consideradas como essencialmente brasileiras (GUEDES, 1998). No Brasil, o craque é considerado como um exemplo da figura do malandro, tão presente na cultura brasileira em personagens dos contos populares, como é o caso de Pedro Malasartes, ou expressa em clássicos da literatura como *Memórias de um Sargento de Milícias* e *Macunaíma*. Assim como o malandro que vive entre a lei e a desordem, o craque esquia-se de seu opositor fazendo farto uso do drible, recurso corporal que tem como objetivo principal escapar do adversário sem recorrer ao esforço físico ou à violência.

A Copa de 1938 é uma máquina fabuladora de histórias e narrativas da vitória que consagram um novo perfil de herói futebolístico, fundado na noção de futebol-arte, que será consolidado com as posteriores conquistas de 1958, 1962 e 1970. A construção da figura heroica a partir de “técnicas corporais” (MAUSS, 2003), consideradas autenticamente brasileiras e expressas no drible, ainda se mostra presente na construção midiática contemporânea.

HERÓIS

O futebol é pródigo na “construção” de ídolos, e suas trajetórias de vida frequentemente enfatizam características que os transformam em heróis. A saga do herói fala de um ser que parte do mundo cotidiano e se aventura a enfrentar obstáculos considerados intransponíveis, os vence e retorna à casa, trazendo benefícios aos seus semelhantes (CAMPBELL, 1995, p. 36). Neste sentido, a vitória de um atleta, seja em esportes individuais ou coletivos, é sempre a vitória da nação ou equipe que ele representa.

As biografias dos ídolos são “editadas” na imprensa, que enfatiza certos aspectos e minimiza outros. No entanto, o ídolo esportivo “escreve” sua trajetória em “parceria” com a mídia. O êxito da edição só é possível com a “cumplicidade” do atleta em conquistas, derrotas e comportamento. No Brasil, muitas narrativas em torno dos ídolos futebolísticos enfatizam a genialidade e o improviso como características fundamentais para se alcançar o sucesso. A seleção brasileira que conquistou o tricampeonato em 1970, por exemplo, é idealizada como uma equipe que não precisava

treinar. No entanto, temos evidências de que aquela seleção se utilizou de métodos de preparação física dos mais modernos da época¹¹. Por que privilegiar narrativas que falam de êxito sem a ênfase no esforço? Esta questão vai permear as biografias de Zico e Romário¹².

A análise sobre Zico concentrou-se em duas biografias do atleta, *Zico: uma lição de vida*, de Marcus Vinícius de Bucar Nunes, e *Zico conta a sua história*, escrita pelo próprio atleta. Esforço e determinação como elementos fundamentais para se alcançar êxito costumam ser minimizados nos discursos dos cronistas brasileiros. Chega a ser uma crítica chamar um jogador de “esforçado”. A forma oposta seria o talento puro que não precisaria de treino para ser aprimorado. Mas a biografia de Zico fala de esforço e trabalho como instrumentos para o sucesso. É o próprio Zico quem diz no prefácio do livro de Bucar Nunes, *Zico: Uma Lição de Vida*:

Sempre entendi, desde menino, que ninguém será capaz de exercer bem a sua profissão sem se exercitar bastante e sempre, para o exercício dela. Afinal, não aprendemos que o maior merecimento dos vitoriosos é confiar, apaixonadamente, na *eficácia do trabalho?* Acho que isto deveria ser, sempre, o objetivo maior de cada um de nós: lutar por aquilo que se gosta (...). Mas, sem dúvida, *muita luta, muito trabalho, muito suor* existem no caminho da *determinação* de cada um. (ZICO apud BUCAR NUNES, 1986, p. 8, grifos nossos.)

Este é um discurso clássico na saga do herói, afastando-se do modelo “Macunaíma” — do herói “malandro”, sem “esforço” — que tenderíamos a cultuar no Brasil¹³. O que se verifica na biografia de Zico é a construção de uma narrativa na qual uma série de obstáculos é acompanhada de uma história de trabalho e profissionalismo: “nada acontece por acaso e para todas as coisas há um preço. Em qualquer atividade, treinamento e persistência são fundamentais” (ZICO, 1996, p. 125).

Ao enfatizar, de forma categórica, o sucesso por meio do esforço e do trabalho, a biografia de Zico convergiria com a dos heróis “universais” e seria antagônica ao padrão predominante na construção da idolatria nas

11 Ver, por exemplo, Salvador e Soares (2009).

12 Análises baseadas em Helal (2014, 2003a, 2003b e 1999).

13 Ver DaMatta (1978) e sua análise do “malandro” Pedro Malasartes como uma vertente brasileira. Ver também *Macunaíma*, de Mário de Andrade (2008). Para uma discussão crítica sobre a obra de Mário de Andrade, ver Campos (2008) e Mello e Souza (2003). Ver também Cândido (1970), para uma discussão a respeito da “malandragem” na literatura brasileira.

narrativas “oficiais” no Brasil. Nossa hipótese é que, no Brasil, predominaria um ideal “essencializado” de seres “moleques” e “irreverentes”.

A biografia de Zico, mesmo contrariando este padrão “oficial”, também é uma vertente brasileira, já que é exitosa na cultura. Mesmo que a maioria dos modelos de idolatria em nossa sociedade enfatize um padrão mais próximo do que “essencializamos” como sendo tipicamente brasileiro, haveria espaço para narrativas mais universalistas.

A trajetória de Romário rumo ao estrelato coincide com o encerramento da carreira de Zico, em fevereiro de 1990. Romário foi, durante a década de 1990, o atleta de futebol mais festejado pela mídia brasileira. A consagração maior de Romário veio com a conquista da Copa do Mundo de 1994, e é a sua trajetória neste período que será nosso objeto de análise. O material concentra-se em dois momentos emblemáticos da trajetória do atleta rumo ao posto de herói da seleção brasileira: a) partida entre Brasil e Uruguai nas eliminatórias para a Copa de 1994; e b) Copa do Mundo de 1994.

Nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 1994, a seleção brasileira precisava vencer a do Uruguai para garantir sua vaga. Romário, que tinha sido afastado da equipe em dezembro de 1992, é convocado pelo então técnico Parreira para a partida decisiva. Desde seu retorno, o noticiário produziu matérias sobre seu passado e sua “missão redentora”. De forma emblemática, a matéria com a manchete “Um príncipe do futebol-moleque” (*O Globo*, 12/09/1993) inicia da seguinte forma:

Irresponsável. Irreverente. Irrequieto. Egoísta. Debochado. Abusado. Explosivo. Quase uma bomba que tem pernas. Autoritário. Radical. Parece o dono do mundo. Talentoso. Rápido. Craque. Artilheiro. Faz gol como quem brinca. Baixinho. Pernas arcadas. Língua presa. Biotipo plebeu para um príncipe do futebol-moleque: Romário. (MALAFAIA; CARVALHO, 1993, grifos nossos.)

As primeiras características nos remetem a uma personalidade negativa, repudiada pela sociedade. No entanto, logo a seguir surgem as características positivas da “brasilidade”: “faz gol como quem brinca”, reforçando assim o lado “alegre” de Romário.

Em uma nota com o título “Romário, um craque até na arte de provocar risos”, temos a seguinte declaração do atleta: “antes eu era o problemático, o polêmico... salvador da pátria, vai ser mole para mim”; e ainda, falando sobre o adversário: “não sei o nome de nenhum zagueiro, nem

quero saber. Para mim, com líbero ou cinco laterais é a mesma coisa” (*O Globo*, 17/09/1993). A ciência que Romário tem de seu papel assemelha-se ao início da saga do herói que atende ao chamado e parte em busca da missão redentora (CAMPBELL, 1995; BRANDÃO, 1993). Porém, Romário age com picardia ao tratar da missão como algo fácil e encarar os adversários com ar de deboche, nos fazendo lembrar de Garrincha, “a alegria do povo”, o herói brasileiro cuja biografia antagonizava com a de Pelé na década de 1960. Veio a partida contra o Uruguai e Romário, autor dos dois gols da vitória por 2 a 0, “veste” a capa do “herói”, daquele que “ouviu o chamado, partiu para a missão, teve êxito e compartilhou o feito com seus semelhantes” (CAMPBELL, 1995).

A promessa tinha sido cumprida. A narrativa enfatiza a conquista com “show” e “arte”, atributos que redimem Romário das “indisciplinas” e da “má vontade para treinar”.

A construção da biografia de Romário é pontuada por passagens que “glamourizam” a malandragem (não gostar de treinar). É como se estivéssemos diante da vitória construída somente com talento, como se o esforço fosse um elemento dispensável para o êxito. E é neste sentido que a biografia de Romário antagoniza com a de Zico.

Durante a Copa do Mundo de 1994, a pressão sobre Romário vai ganhando novo contorno: o atleta deveria, além de ganhar a Copa, resgatar a “brasilidade” na equipe. Após a vitória na estreia contra a Rússia, por 2 a 0, uma manchete da seção de esportes de *O Globo* dizia “Vila da Penha 2 x 0 Kremlin” (*O Globo*, 21/06/1994). A ciência da missão de ganhar a Copa é enfatizada com a seguinte declaração: “o gol na estreia foi só o começo. Já disse que esta Copa é minha” (*O Globo*, 22/06/1994). A partir daí temos declarações de Romário dizendo que “vai ganhar a Copa para o Brasil”, e textos que enfatizam a “brasilidade” de seu futebol. Estas matérias “constroem” um personagem heroico, com os atributos daquilo que “essencializamos” como sendo “tipicamente brasileiro”.

Assim, em “Romário, o nome do tetra verde e amarelo”, temos o seguinte:

O tetracampeonato tem nome, sobrenome e origem: Romário de Souza Faria, de 28 anos, nascido no Jacarezinho e criado na Vila da Penha. Por isso mesmo, o tetra não poderia ser mais brasileiro, mais verde e amarelo. A trajetória de Romário é a cara do futebol do país. Dos campinhos de terra batida de um subúrbio do Rio até o Maracanã, a Europa, os EUA... o mundo. Ver Romário campeão é acreditar que o Brasil do jeito que a gente conhece pode ser mais. Pode ser campeão mundial” (...)

A fala cheia de gírias, os dribles que derrubam a lenda de que no futebol moderno não há lugar para a habilidade – dribles de uma petulância só admitível nos campinhos da Vila da Penha. Romário é assim. Já disse que, para ele, qualquer jogo é uma pelada em seu subúrbio. O que faz lembrar um atacante de pernas tortas, campeão do mundo, que chamaava todos os laterais de João. (*O Globo*, 18/07/1994.)

Fecha-se um círculo iniciado com a convocação de Romário para a partida contra o Uruguai pelas eliminatórias da Copa do Mundo, e evindica-se um discurso do futebol como metáfora da nação. A referência a Garrincha ao final do texto contribui ainda mais para conferirmos características de “brasilidade” — ao estilo Macunaíma — do novo herói.

Na edição da biografia de Romário como o herói da conquista do Mundial de 1994, os recursos acionados pela imprensa construíram um personagem singular na nossa cultura, com as “essencializações” que fazemos de nós mesmos, como seres “malandros”. A eficácia da edição das biografias de Zico e Romário ancoram-se nas performances e nas falas dos atletas em questão. Porém, estas biografias falam de dois modelos antagônicos de herói. Na biografia de Zico, evidencia-se um modelo mais próximo do herói clássico. Por isso, é importante estarmos atentos para os discursos que fogem dos padrões considerados “oficiais”. Eles podem ser reveladores de faces do Brasil que não nos acostumamos a celebrar.

Observemos também, a partir de pesquisa realizada por Helal (2007)¹⁴ que o debate sobre o melhor craque da história entre Pelé e Maradona pode nos revelar algumas complexidades sobre nossas escolhas de heróis. Os trabalhos comparativos entre Argentina e Brasil partem de um pano de fundo: a Argentina seria mais europeizada, e o Brasil teria importante influência africana, sobretudo, no campo das práticas corporais¹⁵. O Brasil teria permanecido tropical, mulato e dançarino dionisíaco. Teríamos então uma Argentina mais letrada, talvez mais esquematizada, que faz circular a imagem de um Brasil exótico.

Contudo, quando olhamos para o plano dos heróis nacionais, a Argentina se caracteriza pela geração e manutenção de maior número de heróis e que parecem ser mais dionisíacos que os brasileiros. Um herói literário como o Martín Fierro, ensinado nas escolas, se levanta contra a

14 Ver também Helal e Lovisolo (2009).

15 Inclusive, o presidente da Argentina disse recentemente: “Eu sou um europeísta. Sou alguém que acredita na Europa. Porque Octavio Paz escreveu uma vez que os mexicanos vieram dos índios, os brasileiros vieram da selva, mas nós argentinos viemos dos navios, eram navios que vinham de lá, da Europa”. Ver em: <<https://glo.bo/3xWjNpJ>>.

autoridade do Estado em construção. No campo musical não há no Brasil uma figura mitológica como Carlos Gardel. E nem no político haveria figuras como Eva Perón e Che Guevara. Esses heróis não são considerados como guiados pela razão, e Maradona pertenceria a essa linhagem.

Em contraste, os heróis brasileiros são poucos, quando levamos em consideração o tamanho, a população e a diversidade, e estão concentrados nos esportes. Em Pelé, tudo parece apolíneo. Há, contudo, uma parcela da população que se lembra de Garrincha. Pelé pode ter sido o melhor, mas a proximidade emotiva com o povo é difícil de ser registrada. Maradona, em contrapartida, é o *pibe*, alguém que está perto e que incide no cotidiano com seus ditos que se tornam êxito editorial¹⁶.

Seria mais fácil identificar-nos com os altos e baixos de Dionísio que com a altura de Apolo? Isso pareceu ser mais fácil para os argentinos, apesar de que há uma parcela de brasileiros, que viram Garrincha e Pelé jogarem, que afirma que o melhor foi Garrincha, um herói dionisíaco que se metia em confusões e provações de várias naturezas. Voltaremos a estas questões ao final do artigo.

O CASO DUNGA: O VILÃO DE SETE VIDAS

O que aqui é denominado de vilão refere-se àquele jogador¹⁷ sobre o qual costuma ser depositada a responsabilidade por algum importante insucesso em campo. Se os heróis do futebol “representam nossa comunidade” (HELAL, 2001, p. 154), os vilões, ao contrário, são vistos como agentes que a envergonham. Enquanto a construção midiática da figura do herói futebolístico nacional se fundamenta nos ideais do futebol-arte, os vilões são erguidos em sua oposição. No caso da seleção, os vilões costumam representar o “futebol desbrasileirado” ao qual Gilberto Freyre (1974) faz menção em seu artigo homônimo publicado no *Diário de Pernambuco*. Nesse texto, o sociólogo reitera as ideias expostas em “Football Mulato”, ao demonstrar desapontamento com as atuações da seleção na Copa de 1974, que de acordo com Freyre teria dado mostras de um estilo de jogo incompatível com o jeito dionisíaco e “inconfundivelmente, distintamente nosso”, diferentemente do europeu “calculado, ordenado, matemático” (*Diário de Pernambuco*, 30/06/1974).

16 Ver Cantman e Burgo (2005).

17 Fazemos referência somente a jogador (no masculino), pois, por motivos históricos que incluem um longo período de proibição, o futebol das mulheres ainda não foi inserido no conjunto de representações do futebol-arte tão caras ao futebol brasileiro.

O vilão está em oposição ao que se acredita ser o “verdadeiro” estilo nacional de futebol, fundado na noção de futebol-arte. Um dos exemplos mais emblemáticos desse fenômeno é o caso Dunga¹⁸. Na Copa de 1990, o jogador foi responsabilizado pela eliminação da seleção brasileira nas oitavas de final dessa competição. Grande parte da imprensa esportiva acreditava que sua presença na seleção personificava o que se julgava ser a própria decadência do futebol nacional. Dunga era tachado como um jogador truculento, sem habilidade e que, portanto, não possuía o perfil adequado para a seleção. Ele foi considerado “o mais europeu dos jogadores” por Nelson Rodrigues Filho e, mesmo tendo sido o melhor em campo no jogo contra a Argentina que eliminou o Brasil da Copa em questão, não foi poupadão, pois “esse que é o problema: quando o Dunga é o melhor, o time está mal” (*Jornal dos Sports*, 26/06/1990). A Copa de 1990 foi marcada pela chamada “era Dunga”, ou seja, a geração de “matar a jogada com força física, de todo mundo atrás e ninguém na frente (...). Jamais o Brasil viu um futebol tão melancólico como o de agora. *Esse nunca foi o nosso futebol*” (*Jornal dos Sports*, 25/06/1990, grifos nossos). Ou, nas palavras de Teixeira Heizer (2001), estávamos diante da “era do nada”, pois representava “uma imagem desfigurada de tudo que havia sido feito por Zizinho, Didi, Gérson, Falcão, Sócrates, Zico e mil outros craques que ocuparam posições intermediárias nas seleções nacionais” (HEIZER, 2001, p. 239).

Mesmo sendo alvo de constantes críticas em 1990, Dunga foi convocado para a Copa de 1994, o que foi recebido pela *Folha de S.Paulo* como derivado do fato de as convocações da seleção serem tradicionalmente marcadas por técnicos que “quase sempre fazem opções difíceis de entender” (*Folha de S.Paulo*, 11/05/1994). No jogo contra a Suécia que terminou em empate de 1 x 1, o jornal carioca *O Dia* considerou o jogador como um dos “peladeiros de Parreira”¹⁹, dono de “uma estupidez técnica” que espantava e irritava (*O Dia*, 29/06/1994). Porém as vitórias da seleção e as boas atuações de Dunga foram aos poucos minimizando as críticas. No dia seguinte, depois de o Brasil garantir vaga na final da Copa de 1994, em partida contra a Suécia, a edição do jornal *O Dia* — aquele mesmo que havia execrado o atleta dias antes — estampou em sua primeira página uma foto ampliada do jogador, com a seguinte legenda: “O guerreiro Dunga, mais uma vez foi uma segurança para a defesa e ainda ajudou a armação do ataque brasileiro” (*O Dia*, 14/07/1994). Dunga cobrou um dos pênaltis da seleção na final da Copa de 1994, momento que foi assim descrito pelo narrador Galvão Bueno, da Rede Globo de televisão: “Agora é a vez do *Rambo brasileiro*. Dunga! É com você. *A fibra, o símbolo da raça*

18 Dunga é como ficou conhecido o jogador Carlos Caetano Bledorn Verri.

19 Carlos Alberto Parreira era o técnico da seleção à época.

brasileira, na seleção do Brasil, nesta Copa do Mundo” (grifos nossos)²⁰.

É válido lembrar que Dunga continuava a ser um atleta que não primava por jogadas bonitas e dribles, tão valorizados no futebol brasileiro. Porém, o que antes era percebido como um defeito, transformou-se numa qualidade, e a forma pela qual o jogador passou a ser representado pelo jornalismo esportivo modificou-se. Em 1998, por exemplo, em uma pesquisa realizada pelo jornal *O Globo*, Dunga foi escolhido como o mais querido da seleção, com 23% da preferência, contra 16,9% de Ronaldo, “o Fenômeno”. Seu prestígio seguiu forte e nem mesmo o vice-campeonato daquela Copa foi capaz de abalá-lo de modo significativo. Em 2006, o ex-técnico da seleção, Carlos Alberto Silva, ao comentar a eliminação da seleção da Copa daquele ano, afirmou, em coluna no jornal *O Estado de S. Paulo*, que “faltou alguém como Dunga, chegar no vestiário, no intervalo, e enfiar a mão na cara de todos (...). Tive saudades do Dunga, que saudades do Dunga” (SILVA, C. A., 2006). O capitão se converteu em uma figura de autoridade, alguém cuja presença era invocada como solução para alguns maus resultados da seleção²¹. Após a eliminação da Copa de 2006, Dunga foi chamado para ser técnico da seleção, uma escolha que surpreendeu grande parte da imprensa, afinal ele não possuía experiência alguma como treinador.

Mas não era exatamente sua experiência enquanto técnico que estava em jogo, e sim a imagem forte e austera, construída e legitimada pelo título mundial de 1994. Uma conquista que ressignificou seus gestos e operou a sua transfiguração, afinal a história do jogo narrada por jornalistas é, em grande medida, resultado de uma interpretação mediada pelo placar final de partida (COSTA, 2020). Se em 1990 as principais características atribuídas a Dunga, como a disciplina e o empenho físico, motivavam críticas e detrações, após 1994 elas passaram a ser valorizadas. Nas palavras de Ricardo Teixeira, então presidente da CBF, Dunga representava uma escolha que atingiria “em cheio o anseio dos torcedores brasileiros que querem na seleção um treinador vibrante” (ROSEGUNI; PERRENE; MONKEN, 2006).

Mas, no início de seu trabalho, o ex-capitão teve que conviver com a desconfiança e com as críticas da imprensa, principalmente porque decidiu deixar no banco jogadores considerados craques, como Kaká e Ronaldinho Gaúcho. A conquista da Copa América de 2007 deu fôlego e certa

20 Brasil x Itália. Transmissão da Rede Globo de Televisão, narração Galvão Bueno, 17/07/1994. Arquivo pessoal.

21 Embora no Brasil o futebol-arte sirva como base para nossa imagem e autoimagem futebolística, é interessante perceber que, em caso de derrotas, é muito comum invocar qualidades como autoridade e disciplina.

credibilidade ao seu trabalho. Porém, em 2008, a eliminação da seleção brasileira dos Jogos Olímpicos, após uma derrota para a Argentina nas semifinais da competição, se configurou como um momento em que a imagem do capitão vitorioso foi deixada de lado e a do vilão Dunga retornou com força. Com a aproximação da Copa de 2010, as críticas foram sendo amplificadas, e Dunga as retrucava protagonizando alguns desentendimentos públicos com profissionais da imprensa. Nas eliminatórias da referida competição, o jornalista Cícero Melo, da ESPN, perguntou-lhe por que a seleção costumava empatar em jogos fora de casa, mesmo jogando com equipes consideradas tecnicamente inferiores. Dunga com rispidez respondeu: “A seleção sempre joga para vencer. Gostaria que nas próximas vezes que você fizesse uma pergunta, fosse mais curta, não fizesse um monólogo todo para me irritar” (GOMIDE, 2007). Foi necessário que o assessor de imprensa da CBF, Rodrigo Paiva, interviesse para que a discussão não ganhasse uma dimensão maior. Juca Kfouri, após esse episódio, comentou que o treinador da seleção se comportava como um novo-rico, um emergente que se vê fascinado com o poder e perde as medidas, tornando-se arrogante e mal-educado (KFOURI, 2007).

A não convocação de jogadores tidos como talentosos, como Neymar, Paulo Henrique “Ganso”²² e Ronaldinho Gaúcho, serviu de mote para reforçar aquela antiga menção à “era Dunga”. A estratégia usada pelo então técnico para defender suas escolhas baseou-se na adoção de um discurso que se ancorava em um patriotismo exacerbado, que se evidenciava em declarações como: “Eu e todos os jogadores estamos preparados para lutar e vencer pelo país. Minha mãe foi professora de Geografia e História e me ensinou a ser patriota” (FONSECA, 2010). Essa postura foi recebida com maus olhos por parte da mídia esportiva, que tomou o tom patriótico de Dunga como uma tentativa de justificar a não convocação daqueles que eram vistos como os melhores jogadores do país: “Treinador prefere reservas fiéis a seu trabalho aos meninos da Vila²³, maiores destaques do futebol do país no primeiro semestre” (RANGEI; GRELLET; JÚNIOR, 2010).

O jornal *O Globo* optou pela ironia. Em sua capa do caderno de esportes de 12 de agosto de 2010, foi exibida uma fotomontagem de Dunga fazendo parecer se tratar de uma convocação militar, onde era possível ler a seguinte manchete: “Atendendo ao pedido de Dunga e Jorginho. Pra Frente Brasil!!!! Dunga: o nosso técnico. É hora de união! Todos de mãos dadas!

22 Neymar e Paulo Henrique “Ganso” eram jogadores do time paulista Santos Futebol Clube que tiveram atuação destacada no início de 2010.

23 Meninos da Vila foi a denominação dada às revelações já mencionadas Paulo Henrique “Ganso” e Neymar.

(...) Viva a atitude! Viva o patriotismo!”²⁴. Após a eliminação da seleção brasileira da Copa de 2010, o mesmo jornal anunciou em sua primeira página: “O fim (definitivo) da era Dunga” (*O Globo*, 03/07/2010). A alusão à “era Dunga” é notável em outros jornais como no caso de *O Dia*, que optou pelo trocadilho: “Era Dunga? Já era” (*O Dia*, 03/07/2010), já a *Folha de S.Paulo* preferiu: “Derrota encerra 2ª era Dunga” (03/07/2010), e *O Estado de S. Paulo*: “Brasil de Dunga é eliminado” (03/07/2010).

Novamente Dunga se convertera em vilão de uma Copa²⁵, sendo representado como o símbolo do antifutebol brasileiro. O exemplo de Dunga nos é útil mesmo para demonstrar que a vilania faz parte das “categorias pautadas pela emoção” (TOLEDO, 2002, p. 179), já que é conformada em meio ao turbilhão de sentimentos e polêmicas provocados pela derrota. Dunga, o vilão da Copa de 1990, saiu consagrado em 1994, entrando para a história como o capitão do tetracampeonato. Suas características atléticas ainda eram bem próximas das apresentadas quatro anos antes, o que mudou mesmo foi a percepção que se tinha desse jogador. Muito do que era considerado defeito transformou-se em qualidade, bastou uma mudança radical de contexto. Em 1990, a seleção havia sido derrotada, porém, em 1994, ao contrário, tornava-se campeã após de 24 anos sem títulos mundiais. Em 2007, Dunga tornou-se técnico da seleção brasileira, algo impensável para aquele que chegou a dar nome a uma geração tachada como nociva ao futebol nacional. Embora tenha havido certa resistência à sua figura e mesmo que ele tenha voltado a ser considerado vilão, sua história não deixa de demonstrar que o script do futebol sempre pode ser reescrito.

E eis que em 2014, quando menos se esperava, Dunga voltou a ser técnico da seleção. Um caso excepcional, pois no tempo que separa as duas copas Dunga não reescrevera sua história na seleção, como ocorreu entre 1990 e 1994. Ou seja, Dunga ainda carregava consigo a fama às avessas de ter sido o vilão de 2010. A recepção da mídia esportiva não foi das melhores. Seu retorno foi atribuído à tentativa de se dar uma resposta à histórica derrota por 7 a 1 para a Alemanha na Copa de 2014. Segundo a *Folha de S.Paulo*, havia por parte de alguns dirigentes a vontade de levar para a seleção uma figura que tivesse como “conceito primordial o comprometimento dos jogadores da seleção (...) Não havia técnico mais associado a esse pensamento do que Dunga” (ITRI, 2010). A contestação quanto

24 Há uma referência à canção “Pra frente Brasil”, composta por Miguel Gustavo para a Copa de 1970, que até hoje é vista como uma composição feita para propagandear a ditadura militar.

25 O jogador Felipe Melo também foi considerado vilão ao ser expulso do jogo depois de pisar em Robben, jogador da Holanda. Felipe Melo era bastante contestado pela imprensa, justamente por cometer excessivas faltas e por ser considerado pouco habilidoso.

ao seu retorno é notável em matérias como a que foi assinada por Carlos Eduardo Mansur e Marco Grillo na qual se ressalta que Dunga costuma privilegiar jogadores com média de idade considerada alta, o que dificultaria o processo de renovação da seleção: “Dunga não se notabilizou pela excelência do trabalho de renovação em sua primeira passagem como técnico (...) o legado de Dunga perde para o deixado por outros treinadores” (MANSUR; GRILLO, 2014).

Desconfiança e objeção acompanharam esse novo capítulo da trajetória de Dunga que durou quase dois anos, durante os quais a seleção foi eliminada da Copa América de 2015, nas quartas de final, o que não acontecia desde 1987. Em junho de 2016, Dunga foi demitido da seleção. O jornalista Juca Kfouri afirmou que “a segunda passagem de Dunga pela seleção foi pior do que a primeira”, pois nela o ex-técnico havia comprovado “sua instabilidade emocional à exaustão” (KFOURI, 2016).

Ao que parece, a última vida do vilão havia terminado.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Heróis e vilões do futebol podem revelar facetas primordiais da nossa cultura. O princípio básico para a construção destas figuras parece se fundar na simbologia do que se convencionou chamar aqui de “futebol-arte” e, talvez, o “mito de origem” tenha surgido mesmo a partir da Copa de 1938, por uma combinação da nossa visão com o olhar de fora. Mas, sem conquistas e fracassos, essas narrativas perderiam eficácia.

A ênfase na infância pobre e no talento nato são características comum nas narrativas dos heróis e contribui para a identificação do herói com o ser humano comum, ordinário. Na construção das trajetórias dos heróis futebolísticos brasileiros também verificamos esta ênfase. A partir daí, buscam-se atributos que costumam ser chamados de “brasileidade”. Neste sentido, na biografia de Romário destaca-se a “malandragem”, a falta de treinamentos, e sobressai a ideia do craque que nasce pronto. Mesmo com o atleta em questão tendo dito, já no final da carreira e depois que se aposentou, que confundiam o fato de ele não gostar de treinar com o não treinar. Mas na biografia de Zico destacam-se sobremaneira as características do trabalho, esforço e muito treinamento. Inclusive, Zico já foi chamado de craque de laboratório por ter se submetido na adolescência a um

intenso trabalho para fortalecer sua musculatura²⁶. A biografia de Zico não é a do Caxias, conforme coloca DaMatta (1978), para antagonizar com a do “malandro”. Mas enfatizam-se nas narrativas atributos próximos aos heróis universais.

Por isso, suspeitamos que as construções que enfatizam sobremaneira a “malandragem, a “tropicalização” e a “alegria” brasileiras não sirvam para dar conta sempre das escolhas culturais que constroem os heróis. Afinal, como vimos aqui, Maradona estaria mais próximo da suposta “tropicalização” do que Pelé. Se no Brasil temos uma tendência a cultuar heróis “malandros”, como afirmamos na comparação entre as biografias de Zico e Romário, ambas exitosas em nossa cultura, por que Pelé e o próprio Zico não se enquadrariam neste modelo? Pelé possuiria narrativas de “brasili-dade” também. No entanto, na comparação com Garrincha e Maradona, ele se torna um herói muito mais universal que propriamente “brasileiro”.

Por conta destas reflexões, suspeitamos que a oposição entre apolíneo e dionísíaco — ou “macunaímico” — leve a interpretações conflitantes por serem seus indicadores amplos e indefinidos. Se tenderíamos a cultuar heróis mais “dionisíacos”, por que, ao tratar de Zico, a imprensa teria abandonado o discurso “malandro”, optando claramente pelo da “ordem”, mais “apolíneo”? O mesmo parece ocorrer com Pelé, o “Rei” do futebol. Seriam exceções que confirmariam a regra? Ou ambas as vertentes são possíveis no Brasil? São questões boas para reflexão. Contudo, tendemos a crer, em nossas observações, que, em geral, prevalece a narrativa mítica que valorizaria o talento inato, que prescindiria do trabalho.

O vilão, por sua vez, costuma ser representado como uma oposição a um conjunto de valores associados ao futebol-arte. O caso Dunga é exemplar nesse aspecto. Poucos jogadores foram, como ele, midiaticamente representados como a antítese do futebol brasileiro. As narrativas sobre Dunga na seleção são interessantes para problematizarmos os processos de construção da imagem dos vilões — e dos heróis —; afinal, os limites que podem separar esses personagens são tênues e, muitas vezes, dependentes do resultado de uma partida. A vilania não possui uma essência, sendo assim, os vilões de hoje podem ser convertidos nos heróis de amanhã e depois novamente serem conduzidos ao papel de vilão. Esse fenômeno é notável na trajetória de Dunga na seleção brasileira.

Há uma dupla articulação nas interpretações feitas pela mídia esportiva. Os gols feitos contra o adversário e/ou sofridos, um mau ou bom

26 Na época, a alcunha “craque de laboratório” era utilizada, muitas vezes, de forma pejorativa, significando um craque não genuíno, fugindo das características “artísticas”, “espontâneas” e “criativas” do nosso futebol. Ver Helal (1999).

desempenho de jogadores, a escolha de esquemas táticos efetivos ou ineficazes são elementos que podem fundamentar a explicação da derrota ou vitória de um time. Mas as avaliações da mídia esportiva lançadas sobre esses dados são, em grande parte, alicerçadas em um terreno permeado de representações. E essas representações podem mudar. É válido lembrar que o louvor ao drible, ao herói malandro e ao talento individual, tomados muitas vezes como sinal de autenticidade do futebol brasileiro, tem um percurso histórico rastreável. Como visto aqui, o contexto da década de 1930 foi importante para a construção desses mitos fundadores do futebol brasileiro.

O futebol tem se transformado sensivelmente, consolidando-se como um espetáculo midiático fortemente mercantilizado e globalizado no qual jogadores, clubes e seleções têm sua imagem associada não tanto a referências de nacionalidade, mas a marcas consumidas mundialmente (GUMBRECHT, 2007). No caso do Brasil, há de se considerar “que as narrativas em torno da seleção brasileira de futebol já não tratam de forma homogênea o futebol como metonímia da nação” (HELAL; SOARES, 2003, p. 2), o que aponta para possíveis mudanças no repertório de significados em torno do futebol brasileiro. São, portanto, vários os fatores que podem interferir nos modos pelos quais tanto heróis quanto vilões são construídos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário. “Brasil-Argentina”. In PEDROSA, M. (org.) *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gol, 1967.
- _____. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. vol. 3. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BUCAR NUNES, Marcos Vinícius. *Zico, uma lição de vida*. Brasília: Offset, 1986.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- CAMPOS, Haroldo. *Morfologia do Macunaíma*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- CANDIDO, Antonio. “A dialética da malandragem”. *Revista do IEB*, n. 8, 1970.
- CANTMAN, Marcelo; BURGO, Andrés. *Diego Dijo: las mejores 1.000 frases de toda la carrera del “10”*. Buenos Aires: Distal, 2005.
- COSTA, Leda Maria. *Os vilões do futebol: jornalismo esportivo e imaginação melodramática*. Curitiba: Appris, 2020.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DAMO, Arlei Sander. “Artistas primitivos: os brasileiros na Copa de 38 segundo os jornais franceses”. In *Anais do XXIV Simpósio Nacional da ANPUH - História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos*. São Leopoldo, 2007.

- DIMAS, Antonio. “Barco de proa dupla: Gilberto Freyre e Mário de Andrade”. In FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*. Edição Crítica. Paris: ALLCA, Col. Archives n. 55, p. 849-76, 2002.
- FOLHA de S. Paulo. “Convocações são polêmicas”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, p. 4-5, 11 maio 1994.
- FONSECA, Maurício. “Com ‘coerência’, Dunga explica sua lista final”. *O Globo*, Rio de Janeiro, “Esportes”, p. 2, 12 maio 2010.
- FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FREYRE, Gilberto. “Foot-ball mulato”. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 4, 17 jun. 1938.
- _____. “Futebol desbrasileirado”. *Diário de Pernambuco*, p. 4, 30 jun. 1974.
- _____. *Sociologia*. 2. Tomo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- GOMIDE, Raphael. “Dunga chega irritado da Colômbia”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, p. D1, 16 out. 2007.
- GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol*. Rio de Janeiro: EdUFF, 1998.
- GUMBRECHT, Hans U. *Elogio da Beleza Atlética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HEIZER, Teixeira. *O jogo bruto das Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HELAL, Ronaldo. “As idealizações do sucesso no imaginário brasileiro”. *Logos*, Rio de Janeiro, v. 10, pp. 38-42, 1999.
- _____. “Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário”. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 26, n. 2, pp. 24-39, 2003(a).
- _____. “A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro”. *Alceu*, Rio de Janeiro, v. 4, n.7, pp. 19-36, 2003(b).
- _____. “‘Jogo Bonito’ y ‘Fútbol Criollo’: la relación futbolística Brasil-Argentina en los medios de comunicación”. In GRIMSON, A. (org.). *Pasiones Nacionales: política y cultura en Brasil y Argentina*. Barcelona: Edhsa, 2007, v. 1, pp. 349-85.
- _____. “Las narrativas de la prensa francesa sobre el fútbol brasileño en los mundiales de 1958 y 1998”. *Ludicamente*, v. 8, n. 15, 2019.
- _____. “Mídia e idolatria no universo do futebol”. In FRANÇA, V. et al. (org.). *Celebridades do Século XXI: transformações no estatuto da fama*. Porto Alegre: Meridional, 2014, v. 1, pp. 127-58.
- _____. “Mídia, construção da derrota e mito do herói”. In _____; SOARES, A. J.; LOVISOLLO, H. *A invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- _____. “Mitos e Verdades do Futebol (que nos ajudam a entender quem somos)”. *Insight Inteligência*, Rio de Janeiro, v. 52, pp. 68-81, 2011.

- HELAL, Ronaldo; LOVISOLLO, Hugo. “Pelé e Maradona: núcleos da retórica jornalística”. *Revista Brasileira de Futebol*, São Paulo, v. 2, pp. 20-6, 2009.
- _____; SOARES, Antônio Jorge. “O declínio da pátria de chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002”. In *Anais do XII Encontro da Compós*. Recife, 2003.
- HOLLANDA, Bernardo B. Buarque de. *O descobrimento do futebol: Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.
- ITRI, Bernardo. “Ande na linha”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, p. D1, 22 jul. 2014.
- JORNAL DOS SPORTS. “Seleção sem identidade”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, p. 1, 25 jun. 1990.
- KFOURI, Juca. “Por que não se cala, Dunga?”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. D4, 25 nov. 2007.
- _____. “Injusto Dunga pagar só; a cúpula da CBF também deveria cair”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, p. B8, 15 jun. 2016.
- LARRETA, Enrique. GIUCCI, Guillermo. *Gilberto Freyre: uma biografia cultural*. Rio de Janeiro: Record, 2007
- MALAFIA, Marcos; CARVALHO, Milton Costa. “Um princípio do futebol-moleque”. *O Globo*, Rio de Janeiro, p. E7, 12 set. 1993.
- MANSUR, Carlos Eduardo; GRILLO, Marco. “Legado de Dunga: herança modesta”. *O Globo*, Rio de Janeiro, “Esportes”, p. 33, 23 jul. 2014.
- MARANHÃO, Thiago. “Apolíneos e dionisíacos: o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do ‘povo brasileiro’”. *Análise Social*, Lisboa, n. 179, 2006.
- MAUSS, Marcel. “As técnicas do corpo”. In _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MELLO E SOUZA, Gilda de. *O tupi e o alaúde*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- MORAIS, Jorge Ventura de; RATTON JÚNIOR, José Luiz. “Gilberto Freyre e o futebol: entre processos sociais gerais e biografias individuais”. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 42, n. 1, jan.-jun., 2011.
- O GLOBO. “Romário, um craque até na arte de provocar risos”. *O Globo*, Rio de Janeiro, “Esportes”, p. 30, 17 set. 1993.
- _____. “O gênio da área”. *O Globo*, Rio de Janeiro, “Esportes”, p. 6, 22 jun. 1994.
- _____. “Romário, o nome do tetra verde e amarelo”. *O Globo*, Rio de Janeiro, “Esportes”, p. 10, 18 jul. 1994.
- _____. “Vila da Penha 2 x 0 Kremlin”. *O Globo*, Rio de Janeiro, “Esportes”, p. 3, 21 jun. 1994.
- RANGEL, Sérgio; GRELLET, Fábio; JÚNIOR, Cirilo. “Pela história e pela pátria, Dunga convoca seus 23”. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, p. D1, 12 maio 2010.

- RODRIGUES FILHO, Nelson. “Dunga foi o melhor contra a Argentina”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, p. 2, 26 jun. 1990.
- ROSEGUNI, Guilherme; PERRONE, Ricardo; MONKEN, Mario Hugo. “capitão”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, p. D1, 25 jul. 2006.
- SALVADOR, Marco A. Santoro; SOARES, Antonio Jorge G. *A Memória da Copa de 70*. Campinas: Autores Associados, 2009.
- SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- SILVA, Carlos Alberto. “Faltou vergonha na cara!”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. E4, 2 jul. 2006.
- SILVA, Diana. *Futebol e cultura visual: a construção da figura do craque. Marcos Carneiro de Mendonça e Leônidas da Silva (1910–1942)*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- SOARES, Antônio Jorge G.; LOVISOLLO, Hugo. “A construção histórica do estilo nacional”. In ____; ____; HELAL, Ronaldo. *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Rio de Janeiro: Eduerj/Faperj, 2011.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Huicitec, 2002.
- ZICO. *Zico conta sua história*. São Paulo: FTD, 1996.